



GRUPO DE TRABALHO MULHERES



**MANUAL DE LINGUAGEM
NÃO SEXISTA**
DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO



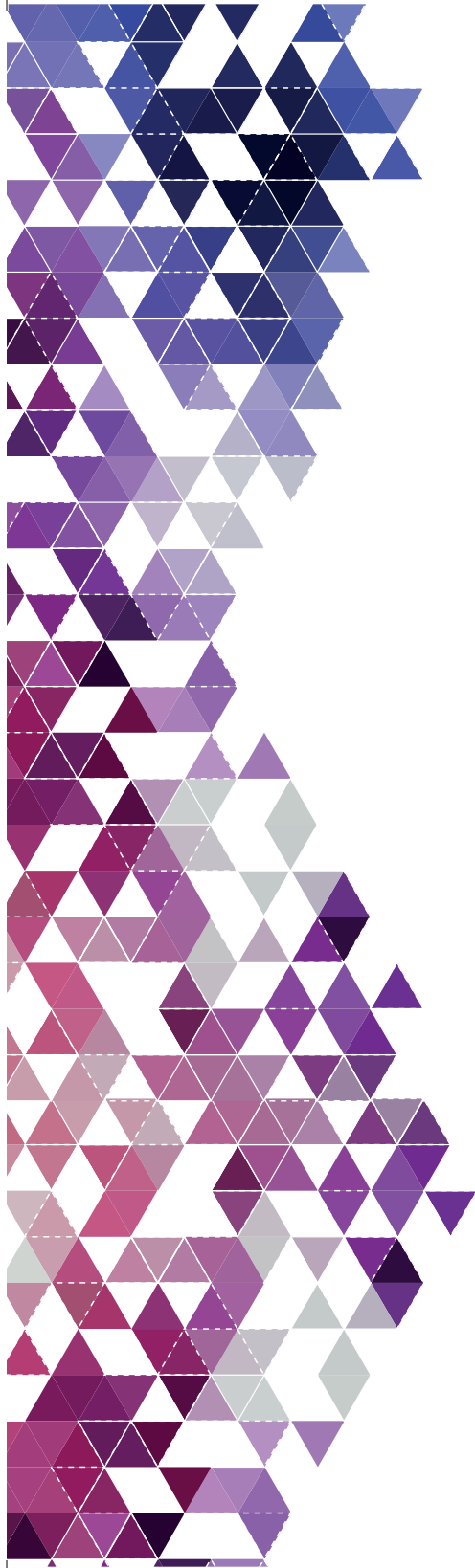


GRUPO DE TRABALHO MULHERES



**MANUAL DE LINGUAGEM
NÃO SEXISTA**
DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO





© 2020 Defensoria Pública da União.

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente com a autorização prévia e oficial da DPU.

Tiragem: versão online.

DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO

Defensor Público-Geral Federal

Gabriel Faria Oliveira

Subdefensor Público-Geral Federal

Jair Soares Júnior

Chefe de Gabinete do Defensor Público-Geral Federal

Séfora Azevedo Silva Zortéa

Secretária-Geral de Articulação Institucional

Lígia Prado da Rocha

Redatora do conteúdo

Cláudia Marques Benzecry

Grupo de Trabalho Mulheres

Coordenadora

Alessandra Lucena Wolff (Norte)

Integrantes

Centro-Oeste

Andressa Santana Arce

Nordeste

Juliana Campos Maranhão

Sudeste

Ana Lúcia Marcondes Faria de Oliveira

Sul

Daniela Correa Jacques

Pontos Focais

Porto Alegre (RS)

Rafaella Mikos Passos

Rio de Janeiro (RJ)

Maria Cecília da Rocha

Salvador (BA)

Charlene da Silva Borges

São Luís (MA)

Lorena Falcão Macedo

	APRESENTAÇÃO	6
1.	O PODER DA LINGUAGEM	8
2.	A LINGUAGEM E A SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO	9
3.	A LINGUAGEM NEUTRA	11
4.	O USO DOS GENÉRICOS	12



APRESENTAÇÃO

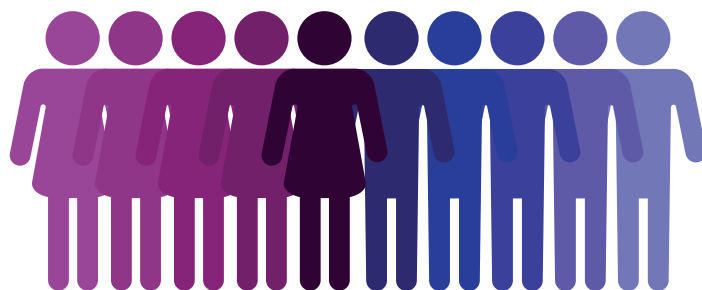
A Defensoria Pública da União, por meio da Secretária-Geral de Articulação Institucional e do GT Mulheres, inserida no crescente contexto de reivindicação pelo fim do tratamento discriminatório às mulheres e na luta pela construção de uma sociedade de igualdade entre homens e mulheres, apresenta o seu Manual de Linguagem Não Sexista.

A DPU, enquanto órgão de atuação na defesa das pessoas em situação de vulnerabilidade, advoga a utilização de um modelo de tratamento linguístico que não legitime a ideia superada de superioridade do sexo masculino e que colabore na construção de uma sociedade de igualdade entre mulheres e homens.

Este manual orienta a utilização da linguagem abordada nos documentos no âmbito da Defensoria Pública da União para que, através desta, haja a defesa plena da integração social, política, econômica e cultural visando a promoção dos direitos da mulher. Mas também tem o escopo de evidenciar outros modos de uso da linguagem, que permitam neutralidade dos sujeitos, destacando possibilidades pouco exploradas e muito mais adequadas às pluralidades da nossa era.

Nosso desafio é tornar a linguagem um elemento que deve ser utilizado de forma inclusiva para a promoção da igualdade de gênero de tal modo que não se deixe implícito e/ou subentendido que o agente seja, necessariamente, do sexo masculino.

Ainda há muito a se fazer em nossa sociedade e, particularmente, na própria Defensoria Pública para avançarmos em termos de promoção de uma cultura não sexista de igualdade de gênero.



1. O PODER DA LINGUAGEM

A linguagem é o principal meio de reprodução dos nossos discursos, seja de forma oral, verbal, escrita ou gestual, por isso quando se escreve uma ideia, esta deve se aproximar ao máximo da neutralidade de gênero, evitando-se, pois, a utilização sexista da linguagem.

A linguagem pode contribuir para a discriminação de gênero, bem como para reforçar estereótipos que são disseminados culturalmente.

Uma das maneiras mais sutis de transmitir a discriminação de gênero é através da língua, pois esta reflete e dissemina os valores da sociedade que a criou e a utiliza de modo formal ou informal.

A língua se encarrega de transmitir e reforçar estereótipos e papéis considerados apropriados para mulheres e homens no âmbito social.

Realmente há uma utilização sexista da língua tanto em sua expressão oral quanto escrita (de conversas corriqueiras a documentos oficiais), a qual dissemina e reforça as relações não equitativas e desproporcionais entre os sexos na sociedade em que estamos inseridos.

Daí surge a necessidade de eliminar ou reduzir consideravelmente o uso de linguagem sexista nos documentos elaborados no âmbito da nossa instituição (ofícios, memorandos, relatórios, petições, fôlderes, cartazes, materiais didáticos etc.), contribuindo, assim, para a ressignificação do uso da língua de forma a auxiliar a equidade de gênero.

Eis os principais objetivos deste manual: i) ilustrar como a linguagem pode transmitir nas suas entrelinhas um tratamento desigual; ii) propor alternativas e ferramentas para o uso de linguagem não sexista de forma a contribuir para mudanças de paradigmas da sociedade, trazendo à tona o protagonismo de mulheres e homens dentro de um panorama social mais justo e equitativo; e, iii) demonstrar como a linguagem é o retrato vivo de uma sociedade e tem poder de transformação.



2. A LINGUAGEM E A SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO

A linguagem exerce um importante papel de socialização de gênero.

A língua é fruto de uma construção histórica e social, que muda de uma cultura para outra, que se ensina e se aprende, podendo, portanto, ser modificada. Ela é reflexo da sociedade em que está inserida, reproduzindo sua ideologia, refletindo e reforçando, mesmo sem nos darmos conta, as desigualdades oriundas do preconceito existente contra as mulheres.

A língua em si não é sexista, mas o mau uso dela perpetuado pela sociedade sim! Ainda bem que ela é flexível e está em constante transformação.

Durante muito tempo o gênero feminino foi invisibilizado na linguagem. Aprendemos que o correto era enxergar o mundo com o olhar masculino por exemplo, com a ideia de que “homem” expressa toda a humanidade. Durante muitos anos, as mulheres sequer sabiam escrever.

É importante perceber que a igualdade entre mulheres e homens pode ser construída a partir da linguagem.

Portanto, é preciso eliminar todas as palavras que mantêm as mulheres não apenas invisíveis, mas também as discriminam, desvalorizam, subordinam e, por vezes, até as rebaixam.

Utilizar o gênero masculino abarcando também o feminino é totalmente equivocado, pois o masculino não é neutro nem genérico. É masculino!

Quando se utiliza a linguagem desta forma estamos perenizando paradigmas de discriminação e preconceito. E a gente nem se dá conta disso.

Então, nada mais justo que realizar este resgate histórico utilizando a linguagem como ato de justiça, de direitos de expressão de liberdade e protagonismo das mulheres.

Para que a mulher seja representada é necessário nomeá-la e não deixar isso implícito. É necessário, às vezes, destacá-la.





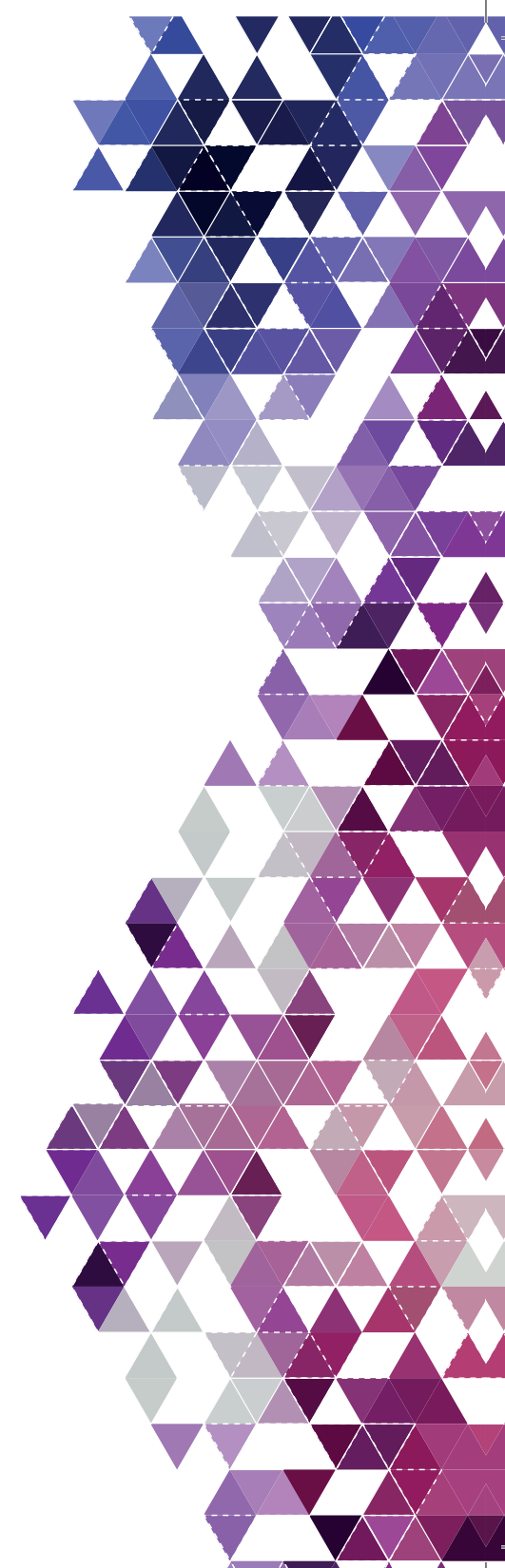
**PENSE
NISSO!**

Veja bem, tivemos eleições para formação da lista tríplice para o cargo mais alto da Defensoria, referente ao biênio 2020-2022. Havia seis pessoas disputando o pleito.

E você certamente pode ter lido esta frase e pensado que seriam 6 homens, muito embora, não tenhamos dito isso. De forma automatizada, referimo-nos ao cargo de maior poder da DPU como “o cargo de Defensor Público-Geral Federal” e esquecemos que é possível ter uma Defensora Pública-Geral Federal, pois as mulheres são igualmente capazes de ocupar esta mais elevada posição.

Mas havia 1 candidata e 5 candidatos e, em todos os momentos de discussão e debates das eleições, você pode não ter percebido, mas houve cuidado da Comissão Eleitoral e da Associação Nacional das Defensoras e dos Defensores Públicos Federais - ANADEF - em destacar a candidata e os demais candidatos. Por quê? Porque se a referência fosse no plural masculino estaríamos inviabilizando a importância de uma candidatura feminina. Esse cuidado revelou e evidenciou a presença de uma mulher nas eleições e isso é muito importante.

Você já parou para pensar o porquê de, entre 6 (seis) pessoas concorrendo, somente 1 (uma) ser mulher? E o uso da linguagem, poderia apagar na história das eleições da DPU, biênio 2020-2022, a presença desta candidatura.





3 – A LINGUAGEM NEUTRA

Precisamos entender que, mudando a forma de falar e escrever, modificamos a mentalidade das pessoas e, consequentemente, os paradigmas vigentes na sociedade.

Exatamente por isso é necessário esclarecer que o uso do masculino não é neutro!

O neutro é inexistente na Língua Portuguesa para substantivos. Na nossa língua, só se considera neutro o artigo “o” quando é usado como pronome demonstrativo equivalente a isto, isso ou aquilo e os reflexivos “se” e “si”.

Exemplos:

LINGUAGEM NÃO RECOMENDADA	LINGUAGEM RECOMENDADA
Os assistidos nunca estão contentes com o atendimento.	Nunca se está contente com o atendimento.
Os Defensores Públicos não deixam de trabalhar no recesso judicial, pois existe o plantão de atendimento.	A Defensoria Pública não deixa de trabalhar no recesso judicial, pois existe o plantão de atendimento
Os servidores da Defensoria nunca se atrasam	Na Defensoria não há quem se atrase
Aquele que quiser fazer o novo curso da ENADPU que se inscreva	Quem quiser fazer o novo curso da ENADPU que se inscreva.

4- O USO DOS GENÉRICOS

Para que possamos valorizar e recuperar a visibilidade das mulheres na sociedade, o ideal é usar o feminino e o masculino. Ou seja, nomear meninas e meninos, mulheres e homens da mesma forma que nomeamos as pessoas quando queremos deixar claro a quem nos referimos.

Genéricos reais são:

EM LUGAR DE	UTILIZAR
Os meninos	As crianças / A infância
Os homens	A população / O povo / A humanidade
Os filhos	A descendência / A prole
Os trabalhadores	O pessoal
Os servidores	A equipe
Os alunos	A turma
Os jovens	A juventude
Os assistidos	As pessoas assistidas





REDAÇÃO EXCLUDENTE	REDAÇÃO INCLUSIVA
Os indígenas terão crédito	A população indígena terá crédito
Os refugiados que desejem estudar	As pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio que desejem estudar
Os catadores de lixo do Rio de Janeiro são organizados em cooperativas	As pessoas catadoras de material reciclável do Rio de Janeiro são organizadas em cooperativas
Os ribeirinhos têm direito ao reconhecimento de suas terras	A população tradicional ribeirinha tem direito ao reconhecimento de suas terras
Os idosos não querem ser internados	As pessoas idosas não querem ir para uma instituição de acolhimento de longa permanência
Os moradores de rua têm direito à assistência da Defensoria	A população em situação de rua tem direito à assistência da Defensoria
Os presos fizeram uma grande rebelião	A população carcerária rebelou-se
Os negros são maioria no Brasil	A população negra é maioria no Brasil

Não é tão difícil! É uma questão de clareza na linguagem, de vontade pessoal, de coerência e concordância entre o significado de nossas palavras e o significante que realmente quer comunicar.

OUTRA OPÇÃO: OS ABSTRATOS

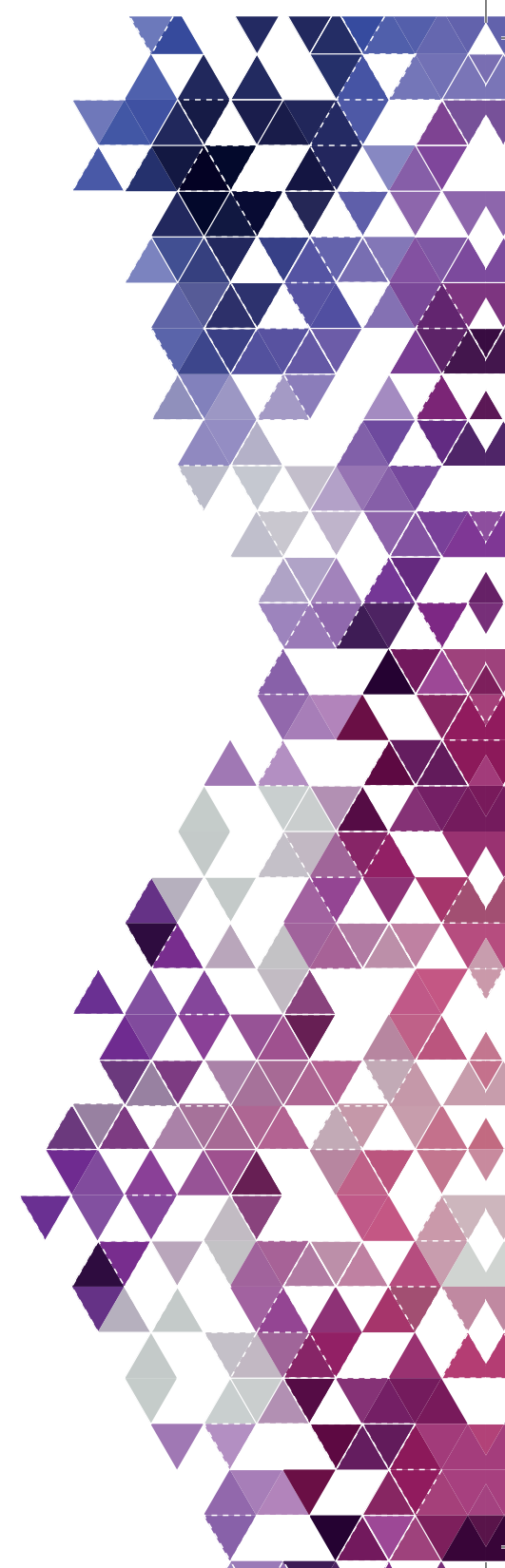
É bastante comum que, inclusive sem saber o gênero das pessoas às quais nos referimos, usemos o masculino ou, o que é mais incoerente ainda, sabendo que se trata de uma mulher utilizemos o masculino em adjetivos, profissões ou cargos.

DESACONSELHÁVEL	AS ALTERNATIVAS RECOMENDÁVEIS
Assessores / O assessor	Assessoria
Orientadores / O orientador	Orientação
Chefes / O chefe	Chefia
Diretor / Os diretores	Direção
Coordenador / Os coordenadores	Coordenação

Desafio pra sua unidade:

Reúna-se com sua equipe e proponham em conjunto alternativas recomendáveis para se repetir a estagiários, servidores e defensores sem que o gênero masculino seja usado para representar todas as pessoas.

LINGUAGEM SEXISTA	LINGUAGEM NÃO SEXISTA
Convocam-se os terceirizados para uma reunião	Convoca-se a equipe terceirizada para uma reunião
O Defensor-Chefe da Unidade comunica	A Chefia desta unidade comunica
Os Defensores recomendaram que	A Defensoria recomenda que
Os legisladores estabeleceram	A atual legislação estabeleceu
Pediu-se aos juízes	Pediu-se ao poder judiciário





Existem outros recursos linguísticos, como utilizar diferentes conjugações verbais, para evitar a referência a nomes “universais”, que em verdade não o são, como como usar “homens” para toda a humanidade, por exemplo.

NÃO REPRESENTA A TODA A HUMANIDADE	REPRESENTA A HUMANIDADE
Há 5 anos os atingidos pelo desastre viviam da pesca	Há 5 anos se vivia da pesca na região atingida pelo desastre
Na época os homens plantavam e utilizavam a água do rio para regar sua plantação	Na época as famílias plantavam e utilizavam a água do rio para regar sua plantação
O trabalho do homem melhora sua vida	O trabalho da humanidade melhora a vida
É necessária a atuação de agrônomos para verificar os danos causados	É necessária a atuação de especialistas em agronomia para verificar os danos causados
Houve mudança nos modos e meios de vida dos homens atingidos pela lama	Houve mudança nos modos e meios de vida das pessoas atingidas pela lama
É responsabilidade do homem a manutenção da biodiversidade	É responsabilidade da humanidade a manutenção da biodiversidade
Apenas um homem não pode mudar o mundo com a sua luta	Apenas um ser humano não pode mudar o mundo com a sua luta

Em diversas oportunidades, ao utilizar instruções ou ao falar dando por entendidas determinadas situações tornamos a utilizar o masculino como genérico.

E de novo encontramos alternativas para evitar que alguns setores fiquem excluídos ou não se deem por aludidos.

Trocar o verbo no masculino pela terceira pessoa do singular ou do plural: você ou vocês.

NÃO RECOMENDÁVEL	RECOMENDÁVEL
O assistido só necessita da senha e do número do PAJ para consultar o andamento no site da DPU	Caso você tenha a senha e o número do PAJ é possível consultar o andamento no site da DPU
Os assistidos só precisam ligar para a DPU para agendar seu atendimento	Se vocês ligarem para a DPU poderão agendar atendimentos
O assistido se sentirá mais seguro se entender o que lhe é dito durante o atendimento	Você sentirá mais segurança se entender o que lhe dizem durante seu atendimento

Há muitas alternativas para que a língua seja coerente exatamente com o que quer representar ou refletir.

A gramática normativa tem uma série de regras que nos ajudam a nos expressarmos com clareza. Assim, a regra sobre a concordância de gênero e número (por exemplo, não é correto dizer “o” atriz, “as” peixes, “a” crianças. É necessário que se faça a concordância de gênero e número.) nos explica que se queremos nos referir a um grupo o artigo e o substantivo devem estar no plural.

Da mesma forma, quando se fala no feminino, o artigo e o substantivo devem também estar no feminino.





REFORÇANDO:

- Não usar formas sexistas ou androcêntricas. Tornar visíveis as mulheres e, portanto, não usar o masculino como genérico (o masculino é masculino, não é genérico).
- Quando redigir um documento, uma petição, ou mesmo quando for instaurar um PAJ, deve sempre aparecer o feminino e o masculino. Como uma ação positiva, recomenda-se colocar sempre primeiro o feminino e depois o masculino.
- Enquanto a linguagem continuar carregada de estereótipos, não convém dissimular a visibilidade das mulheres. Por isso é importante evitar as barras diagonais: “oferece-se trabalho a costureiro/a” – entretanto, são a melhor alternativa caso o texto tenha muitas referências impossíveis de substituição pelo genérico. Não se devem usar parênteses “buscamos um (a) advogado (a)”. Nesse mesmo sentido é preciso eliminar os símbolos que não legíveis ou que não são verdadeiramente representação do feminino: *querid@s amig@s* ou *todxs juntxs*.
- Quando usamos o feminino, os textos são muito mais claros e entendíveis. Lembre-se que é possível usar palavras abstratas ou genéricas – o pessoal docente”, “a assessoria legal”, “a comunidade hospitalar”, “a vizinhança”, etc. no caso que se queira fazer uma referência coletiva aos dois sexos.

BIBLIOGRAFIA:

- Manual para o uso não sexista da linguagem – Governo do Estado do Rio Grande do Sul - ano da publicação 2014.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019.
- GARCIA, Dantielli Assumpção Garcia. Sexismo linguístico e o processo de manualização: a presença do feminismo e da mulher na língua. Fragmentum. Editora Programa de Pós-graduação em Letras, UFSM, Santa Maria: n. especial, jul/dez 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36587/19839>.
- NOTA TÉCNICA Nº 4 - DPGU/SGAI DPGU/GTMLR DPGU





